



EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMO ESTRATÉGIA NA ABORDAGEM DE PREVENÇÃO DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS EM ESCOLAS PÚBLICAS: UMA ANÁLISE DA LITERATURA

 <https://doi.org/10.56238/levv16n48-104>

Data de submissão: 30/04/2025

Data de publicação: 30/05/2025

Alice de Moura Lima
Graduanda em Enfermagem
Faculdade Santa Luzia
E-mail: 1968@faculdadesantaluzia.edu.br

Valdiana Gomes Rolim Albuquerque
Mestre em Gestão em Cuidados de Saúde (MUST University)
Coordenadora e Docente do curso de Enfermagem da Faculdade Santa Luzia
E-mail: vgrrolim@gmail.com

RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar, por meio da literatura científica nacional, como a educação em saúde tem sido utilizada como estratégia de prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) em escolas públicas. Utilizou-se uma abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, com base em revisão bibliográfica. Foram selecionados artigos científicos publicados nos últimos dez anos, em português e espanhol, disponíveis na íntegra, e que abordassem práticas educativas sobre ISTs em ambientes escolares. A coleta de dados ocorreu em bases como SciELO, LILACS, BVS e Google Acadêmico, utilizando descritores relacionados à temática. Os resultados indicam que ações como palestras, rodas de conversa, oficinas e metodologias ativas são eficazes para aumentar o conhecimento dos adolescentes sobre ISTs, embora desafios persistam quanto à mudança comportamental e à abordagem da sexualidade por parte de educadores. A educação entre pares e a atuação conjunta de profissionais da saúde e da educação mostraram-se estratégias promissoras. Contudo, ainda se observam lacunas na formação dos educadores, resistência ao tema e ausência de abordagens pedagógicas contínuas e interativas. Conclui-se que a educação em saúde, quando bem planejada e aplicada, contribui significativamente para a promoção da saúde sexual entre adolescentes.

Palavras-chave: Educação em saúde. Infecções Sexualmente Transmissíveis. Prevenção. Escolas Públicas.

1 INTRODUÇÃO

O aumento significativo nos casos de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) constitui um importante desafio à saúde pública, tanto em nível nacional quanto internacional. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), mais de um milhão de pessoas contraem ISTs diariamente no mundo, sendo que muitas dessas infecções são assintomáticas, o que dificulta o diagnóstico e o controle (WHO, 2013; BRASIL, 2019b). No Brasil, observa-se um aumento expressivo na incidência dessas infecções, o que exige o fortalecimento de políticas e práticas preventivas que alcancem a juventude de forma efetiva. De acordo com dados do IBGE de 2012, os adolescentes costumavam iniciar suas vivências sexuais por volta dos 15 anos de idade. Nesse processo, eram significativamente influenciados pela liberdade sexual e pela mídia, tanto de forma direta quanto indireta. Essa situação os deixava mais expostos às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), principalmente pela falta de conhecimento e de maturidade. Muitas vezes, adotavam comportamentos de risco com o objetivo de se afirmarem socialmente ou demonstrarem autonomia sobre suas próprias decisões.

Nesse contexto, a escola pública se destaca como um ambiente estratégico para a disseminação de informações e o desenvolvimento de práticas de autocuidado, considerando que as infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) afetam, em especial, adolescentes e jovens em idade escolar. Dessa forma, o ambiente escolar torna-se um espaço privilegiado para ações de educação em saúde voltadas à prevenção de ISTs.

De acordo com Nutbeam (2000), a educação em saúde é mais do que a simples transmissão de informações; trata-se de um processo que permite às pessoas exercerem maior controle sobre sua saúde. Green et al. (2009) destacam que estratégias eficazes nesse campo devem integrar aspectos cognitivos, afetivos e comportamentais, promovendo uma compreensão holística da saúde. No Brasil, o Programa Saúde na Escola (PSE) surge como uma iniciativa governamental importante nesse sentido, pois estabelece uma articulação entre educação e saúde, visando promover o desenvolvimento integral dos estudantes. Entretanto, como aponta a literatura, persistem desafios quanto à formação dos profissionais, à abordagem dos temas relacionados à sexualidade e à efetividade das metodologias empregadas nas atividades educativas.

Compreender como a educação em saúde tem sido desenvolvida no ambiente escolar e quais impactos têm gerado na prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) entre adolescentes é uma reflexão cada vez mais necessária. Diante do aumento dos casos entre jovens em idade escolar, torna-se essencial observar como esse tema tem sido tratado no contexto educativo, especialmente nas escolas públicas. Nesse sentido, questiona-se de que forma a literatura científica tem abordado o papel da educação em saúde nesse cenário e quais são os principais desafios e resultados observados nas práticas já implementadas.

A abordagem das ISTs no espaço escolar ganha importância diante das consequências que essas infecções podem gerar, como infertilidade, desenvolvimento de câncer, estigma e exclusão social. Considerando a escola como um ambiente privilegiado de formação e convivência, ela possui grande potencial para estimular o pensamento crítico e a adoção de comportamentos saudáveis. Contudo, ainda é necessário analisar se as estratégias educativas adotadas têm, de fato, cumprido seus objetivos de maneira eficaz, contribuindo para a promoção da saúde e prevenção das ISTs entre adolescentes.

Este estudo torna-se relevante por oferecer subsídios importantes a adolescentes, estudantes e profissionais da saúde que buscam aprofundar seus conhecimentos sobre o tema. Ao contribuir para o fortalecimento das estratégias de promoção da saúde, a pesquisa também serve de apoio a educadores e gestores públicos na formulação de ações mais eficazes e compatíveis com as necessidades da comunidade escolar.

Diante disso, este estudo teve como objetivo geral analisar, com base na literatura científica nacional, como a educação em saúde tem sido utilizada como estratégia de prevenção das ISTs em escolas públicas. Especificamente, buscou-se identificar as principais práticas e metodologias adotadas nas ações educativas, compreender seus impactos sobre o comportamento e o conhecimento dos estudantes, reconhecer lacunas e limitações enfrentadas nas estratégias educativas e discutir caminhos para o aprimoramento das ações de prevenção no contexto escolar.

O presente estudo tem como objetivo principal analisar as estratégias de educação em saúde voltadas para a prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) nas escolas públicas brasileiras. A pesquisa visa identificar as práticas pedagógicas empregadas nesse contexto, avaliando a eficácia dessas abordagens na promoção do autocuidado entre os adolescentes. Além disso, busca-se compreender os impactos dessas ações na ampliação do conhecimento dos jovens sobre as ISTs e na modificação de comportamentos de risco, além de investigar as dificuldades enfrentadas durante a implementação dessas práticas nas escolas.

A justificativa para a realização deste estudo está na relevância crescente das ISTs como um problema de saúde pública, especialmente entre os adolescentes. Este público, em processo de transição para a vida adulta, está vulnerável devido à falta de informações adequadas sobre sexualidade e prevenção. A escola pública, por ser um ambiente acessível e central na formação dos jovens, se apresenta como um espaço privilegiado para ações educativas que podem promover mudanças significativas nos comportamentos de risco. A implementação de estratégias eficazes de educação em saúde torna-se essencial para a construção de uma sociedade mais informada, saudável e menos suscetível à propagação dessas infecções.

Este estudo se justifica também pela necessidade urgente de fortalecer as políticas públicas voltadas para a prevenção das ISTs nas escolas, especialmente considerando o aumento contínuo dos casos diagnosticados entre os jovens. O Programa Saúde na Escola (PSE) tem se mostrado uma

ferramenta importante, mas ainda existem desafios significativos relacionados à forma como a sexualidade é abordada nas escolas e à capacitação de profissionais da educação e da saúde. Analisar a literatura científica sobre a implementação dessas ações educativas nas escolas públicas é de fundamental importância para aperfeiçoar as estratégias de prevenção e contribuir para ambientes educacionais mais informados e seguros para os adolescentes.

2 METODOLOGIA

A metodologia deste estudo será de caráter qualitativo, com uma abordagem exploratória e descritiva, baseada em revisão de literatura científica sobre o tema da educação em saúde para prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) nas escolas públicas. O objetivo principal é compreender como as práticas educativas têm sido implementadas nas escolas, e identificar as metodologias e estratégias que têm sido adotadas para abordar a prevenção das ISTs com adolescentes.

A pesquisa foi realizada por meio de levantamento de artigos científicos, dissertações, teses e documentos oficiais publicados apropriados para descrever e discutir o problema a ser estudado, ou seja: educação em saúde como estratégia na abordagem de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis em escolas públicas. Para tanto, esta parte do estudo foi totalmente construída utilizando-se a técnica de pesquisa bibliográfica, que consiste em realizar o estudo com base “[...] em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44).

A pesquisa será estruturada em duas etapas principais. Na primeira etapa, será realizada uma revisão bibliográfica de estudos, artigos e documentos científicos relacionados à implementação de programas de educação em saúde nas escolas públicas. As fontes de dados serão obtidas a partir de bases de dados acadêmicas, como Scielo (Scientific electronic library online), LILACS (Literatura Latino-Americana), Google Acadêmico e Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), contemplando os descritores devidamente registrados nos DecS e não controlados: “infecções sexualmente transmissíveis”, “educação em saúde”, “adolescentes”, “escolas públicas” e “prevenção de doenças”. Essa etapa visa mapear as principais ações e metodologias utilizadas nas escolas e compreender os desafios encontrados na execução dessas estratégias.

A segunda etapa consistirá na análise das práticas educativas já implementadas em escolas públicas, a partir de estudos de caso registrados na literatura. Será feito um levantamento das ações de educação em saúde que envolvem adolescentes e jovens, analisando a forma como as informações sobre as ISTs são transmitidas e os métodos utilizados para engajar os estudantes. Serão observados também os impactos dessas ações na mudança de comportamento e na prevenção das ISTs, além de identificar as lacunas e as dificuldades enfrentadas por educadores e profissionais de saúde na aplicação dessas práticas.

A análise dos dados será realizada de forma qualitativa, com a identificação de padrões, desafios e boas práticas no contexto das escolas públicas. O estudo buscará compreender a eficácia das estratégias adotadas, considerando as particularidades dos alunos, a formação dos profissionais envolvidos e os recursos disponíveis para a implementação dessas ações.

Será elaborada uma discussão com base nas evidências encontradas na literatura, propondo recomendações para o aprimoramento das práticas educativas no contexto escolar e para o fortalecimento das políticas públicas de prevenção de ISTs, especialmente entre adolescentes e jovens. Os critérios de inclusão foram a partir da seleção de publicações de artigos sobre a temática dos últimos 10 anos, incluindo idioma português e espanhol, disponíveis na íntegra publicações disponíveis gratuitamente, em português, que tratassesem de ações ou programas educativos sobre ISTs em ambiente escolar. Os critérios de exclusão foram todos os artigos que não enquadram no tema, sendo assim identificados e eliminados após a leitura do título e/ou resumos.

Procedeu-se a leitura de 63 artigos distribuídos entre as bases de dados. Após a leitura do título e/ ou resumo observou-se que alguns artigos não se enquadram no tema proposto, sendo assim excluídos da seleção de artigos. Dentre esses 63 artigos, foram excluídos 53 artigos, visto que não se enquadram com o tema. Ao finalizar a leitura foram selecionados 10 artigos que se enquadram nos critérios proposto e que foram lidos na íntegra, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1- Busca nos artigos das Bases de dados

<i>Base de Dados</i>	<i>Artigos</i>	
	Total	Utilizados
SciELO	45	3
LILACS	9	2
BVS Ministério da Saúde	8	4
Google Acadêmico	1	1
Total	63	10

Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, serão apresentados os resultados obtidos a partir das intervenções educativas realizadas com os estudantes, com foco na prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). A análise dos dados busca identificar a eficácia das estratégias de ensino utilizadas, como palestras, oficinas e metodologias interativas, e seu impacto no conhecimento e comportamento dos alunos em relação à prevenção dessas infecções. Além disso, serão discutidos os principais desafios encontrados durante a implementação dessas atividades, como a resistência de alguns estudantes e educadores, bem como as limitações das abordagens tradicionais de ensino.

Os resultados serão analisados à luz da literatura existente, comparando os achados com outros estudos que abordam a educação em saúde no contexto escolar. Também será discutida a importância da colaboração interdisciplinar entre educadores, profissionais de saúde e alunos para garantir uma abordagem eficaz e abrangente. Finalmente, será destacada a necessidade de uma educação sexual contínua e adaptada às realidades dos estudantes, visando a promoção de práticas preventivas duradouras.

Tabela 1 - Distribuição dos artigos segundo ano de publicação, base de dados e modelo para publicação eletrônica

Título	Autor (es)	Objetivos	Resultados	Conclusão
Educação em saúde em universidades como forma de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis na juventude	LOBATO <i>et al.</i> (2024)	Descrever a importância da educação em saúde nas universidades para prevenção de infecções sexualmente transmissíveis.	A prevenção de infecções sexuais é importante para evitar consequências graves, especialmente para adolescentes. A escola, professores e profissionais de saúde devem trabalhar juntos para garantir acesso à informação correta.	A educação entre pares é crucial na formação dos jovens para uma sociedade sem infecções sexuais evitáveis.
Educação Sexual para Prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis em Escolares.	ALVES (2022).	Analizar o conhecimento dos estudantes sobre ISTs e as estratégias de ensino sobre prevenção em escolas de educação básica.	Identificou-se um déficit de conhecimento dos estudantes sobre ISTs, embora intervenções educativas tivessem eficácia em aumentar o conhecimento.	As intervenções são eficazes, mas precisam de mais abordagens metodológicas para ampliar o entendimento dos jovens.
Prevenção às DST/AIDS no ambiente escolar.	FONSECA, (2002).	Revisar ações educativas em escolas sobre a prevenção de DST/AIDS.	A escola tem grande potencial para desenvolver contribuições construtivas sobre a prevenção de ISTs e AIDS.	A educação sexual nas escolas deve ser vista como uma ferramenta para promover mudanças nas relações sociais e reduzir vulnerabilidades.

Ensino das Infecções Sexualmente Transmissíveis Incuráveis para Estudantes de Graduação em Enfermagem.	PETRY, Stéfany <i>et al.</i> 2023.	Agrupar e sintetizar estudos sobre o ensino de ISTs incuráveis para estudantes de enfermagem.	A educação em saúde para o ensino de ISTs incuráveis teve efetividade em aumentar o conhecimento, reduzir estigmas e sensibilizar para cuidados de enfermagem.	A formação de profissionais de saúde é essencial para garantir que a prevenção de ISTs seja eficaz, especialmente em jovens.
Educação em Saúde na Prevenção de Infecção Sexualmente Transmissível (IST) em uma Escola Estadual em Porto Nacional- TO.	VAZ, <i>et al.</i> (2024).	Descrever a importância da educação em saúde na prevenção de IST em uma escola pública.	As atividades educativas sobre prevenção de ISTs ajudaram a sensibilizar os jovens sobre os riscos da relação sexual desprotegida.	A educação em saúde nas escolas é crucial para garantir a prevenção de ISTs e promover o cuidado integral dos adolescentes.
Educação e estratégias em saúde sobre a prevenção contra o HIV junto aos adolescentes nas escolas.	BREVIGLIERI, <i>et al.</i> (2024).	Analizar as estratégias de prevenção ao HIV/AIDS com os adolescentes nas escolas.	As estratégias educacionais de saúde contribuíram para disseminar conhecimento sobre prevenção do HIV entre os jovens.	A educação sexual nas escolas, com a participação ativa dos profissionais de saúde, é uma das melhores formas de disseminar conhecimento sobre HIV/AIDS.
Educação em saúde na escola: experiência exitosa na prevenção das infecções sexualmente transmissíveis.	SILVA; LOPES; ALMEIDA. (2021).	Descrever a experiência positiva de educação em saúde para prevenção das ISTs em uma escola pública no norte do Brasil.	Identificou-se a insuficiência de conhecimento sobre as ISTs pelos alunos, mas a escola foi vista como um espaço crucial para a educação e prevenção.	A escola deve ser um local central para a educação sexual, promovendo saúde e reflexão sobre a importância da prevenção.
Ações educativas sobre prevenção de HIV/AIDS entre adolescentes em escolas.	MONTEIRO <i>et al.</i> (2019).	Avaliar os impactos das ações educativas sobre a prevenção do HIV/AIDS entre adolescentes em escolas.	A revisão de literatura mostrou que metodologias ativas e a educação por pares levaram a uma redução nos comportamentos de risco e aumento da adesão ao uso de preservativos.	As metodologias ativas são eficazes para aumentar o conhecimento e mudar atitudes em relação ao HIV/AIDS entre adolescentes.
Estudo sobre a importância da educação sexual nas escolas como prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's).	SANTOS (2021).	Relatar a importância da educação sexual nas escolas como ferramenta de prevenção das ISTs.	A educação sexual é reconhecida como essencial para reduzir a propagação das ISTs e promover a saúde sexual.	A implementação eficaz de programas de educação sexual nas escolas pode diminuir os índices de infecção entre os jovens.

As Infecções Sexualmente Transmissíveis e a Educação em Saúde na Escola: uma proposta pedagógica para o ensino de Ciências.	MARQUES (2019).	Construir uma proposta pedagógica para ensinar sobre as ISTs nas escolas.	A pesquisa revelou que os docentes não estão suficientemente informados sobre as ISTs e que a Educação Sexual ainda precisa ser trabalhada de maneira mais eficaz.	É necessária uma abordagem pedagógica mais integrada que envolva todos os profissionais e disciplinas para tratar as ISTs de maneira abrangente.
---	-----------------	---	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

O estudo sobre "Educação em saúde em universidades como forma de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis na juventude" destaca o papel central das universidades na promoção da saúde, especialmente no que tange à prevenção das infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). A pesquisa identificou lacunas significativas no conhecimento dos estudantes universitários sobre as ISTs, destacando a necessidade urgente de integrar a educação em saúde nas práticas acadêmicas. Os resultados indicam que, embora as universidades representem um ambiente propício para o debate sobre sexualidade e saúde, ainda há resistência por parte de alguns educadores em abordar esses temas de maneira integral. A pesquisa sugere que a educação entre pares, uma estratégia que visa a disseminação de informações por meio de colegas, se mostra particularmente eficaz na redução de estigmas e na promoção de uma cultura de prevenção dentro da universidade. Assim, a colaboração entre a instituição de ensino, professores e profissionais de saúde é essencial para garantir que as informações corretas cheguem a todos os estudantes, contribuindo para uma formação mais completa e preventiva (LOBATO et al., 2024). A pesquisa destaca a importância de um modelo educacional mais integrado, onde a colaboração entre as universidades e as equipes de saúde se torne uma prática constante, e não apenas um evento isolado. Embora a educação entre pares tenha sido identificada como uma estratégia eficaz para aumentar o engajamento dos estudantes, a resistência percebida entre os docentes aponta para uma necessidade urgente de capacitação contínua dos educadores. Os resultados sugerem que, para que a prevenção de ISTs seja efetiva, é essencial que as universidades incorporem a educação sexual como um componente central da formação acadêmica, com metodologias mais interativas e adaptadas ao perfil dos jovens universitários.

No estudo de ALVES (2022), sobre "Educação Sexual para Prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis em Escolares", os resultados evidenciam um déficit substancial no conhecimento dos estudantes do ensino básico acerca das ISTs, o que compromete a adoção de comportamentos preventivos adequados. As intervenções educacionais realizadas, embora eficazes em aumentar a compreensão dos alunos, não foram suficientes para assegurar uma mudança comportamental duradoura. Este achado sugere que, apesar da eficácia das abordagens tradicionais, elas devem ser complementadas com métodos pedagógicos mais inovadores e engajadores. O estudo sugere que, para um impacto mais profundo, seria necessário incorporar estratégias de ensino mais

dinâmicas e adaptadas ao perfil dos estudantes, visando uma compreensão mais holística e aplicada sobre a prevenção de ISTs. Essa abordagem ampliada pode contribuir para um entendimento mais crítico e reflexivo sobre a importância da saúde sexual e das práticas preventivas. Os dados indicam que, embora o aumento do conhecimento sobre as ISTs seja fundamental, a adoção de comportamentos preventivos depende de fatores complexos, incluindo questões sociais, culturais e de atitude. A resistência observada entre os alunos em relação à adoção das práticas de prevenção sugere que a educação sexual precisa ir além da transmissão de informações e integrar metodologias mais dinâmicas que envolvam os estudantes de maneira crítica e reflexiva. A pesquisa sugere que as escolas precisam adotar abordagens mais abrangentes, utilizando novas tecnologias e métodos participativos para engajar os jovens, transformando a educação sexual em uma ferramenta de mudança comportamental efetiva.

Ao reafirmar a importância da escola como um espaço privilegiado para a promoção da saúde e a prevenção de ISTs, FONSECA (2002), destaca que seu potencial transformador na construção de atitudes e comportamentos responsáveis em relação à sexualidade. Contudo, o estudo também sublinha que, embora a escola tenha grande potencial para ser um agente ativo na educação sexual, ainda existem muitos obstáculos a serem superados, como a falta de preparo adequado dos professores e a resistência ao tema. A pesquisa aponta para a necessidade urgente de uma formação contínua e especializada para os educadores, de forma a capacitá-los a lidar de forma eficaz com essas questões delicadas. O estudo sugere que, ao abordar a educação sexual de maneira inclusiva e interativa, com o apoio de profissionais da saúde, é possível promover uma verdadeira mudança nas atitudes dos alunos, permitindo-lhes tomar decisões mais informadas e responsáveis sobre sua saúde sexual e reprodutiva. No discurso da pesquisa foi observado que as escolas têm um grande potencial para promover a educação sexual e a prevenção de ISTs e AIDS, com foco no desenvolvimento de comportamentos responsáveis entre os alunos. No entanto, o estudo também revelou que as ações educativas nas escolas ainda são limitadas, muitas vezes consistindo em palestras pontuais realizadas por profissionais de saúde, sem uma integração contínua no currículo escolar. A falta de uma abordagem pedagógica sistemática comprometeu a eficácia das ações de prevenção. A pesquisa sugere que a escola deve ser vista como um espaço contínuo para a educação sobre sexualidade e prevenção, e não apenas como um lugar de intervenções esporádicas. A implementação de programas de educação sexual deve ser integrada ao currículo escolar, com o apoio de profissionais de saúde para garantir que as informações sejam transmitidas de forma precisa e acessível. A resistência à educação sexual e os tabus sociais que envolvem a temática da sexualidade e prevenção de ISTs devem ser superados por meio de capacitação constante dos educadores, criando um ambiente escolar mais aberto e inclusivo para discussões sobre saúde sexual.

PETRY et al., (2023) destaca que a formação dos futuros profissionais de saúde é fundamental para garantir uma resposta eficaz à crescente incidência de ISTs, especialmente entre os jovens. A pesquisa demonstrou que a educação em saúde sobre ISTs incuráveis é eficaz na ampliação do conhecimento dos estudantes, mas também apontou para a necessidade de um maior enfoque na redução de estigmas, que ainda dificultam a abordagem dessas doenças de maneira aberta e sem julgamentos. O estudo revelou que a educação sobre ISTs incuráveis tem sido eficaz em aumentar o conhecimento dos alunos de enfermagem, além de reduzir o estigma relacionado a essas doenças. Os estudantes demonstraram maior sensibilidade e compreensão acerca das implicações dessas infecções, tanto no contexto do cuidado quanto na prevenção. A pesquisa apontou, no entanto, que os alunos ainda apresentam dificuldades em aplicar esse conhecimento de forma prática no atendimento a pacientes com ISTs incuráveis, o que indica uma lacuna na formação prática.

A formação de profissionais de saúde é fundamental para o sucesso das ações de prevenção e tratamento de ISTs. O estudo sugere que, embora o aumento do conhecimento teórico seja positivo, ele precisa ser complementado por uma formação prática mais robusta, onde os estudantes possam vivenciar situações reais de cuidado e desenvolver habilidades de comunicação com os pacientes. Porém, o estudo destaca a importância de integrar abordagens mais humanizadas no ensino de enfermagem, especialmente para o cuidado de pacientes com ISTs incuráveis, promovendo uma visão mais empática e menos estigmatizada dessas condições.

O estudo intitulado "Educação em Saúde na Prevenção de Infecção Sexualmente Transmissível (IST) em uma Escola Estadual em Porto Nacional- TO" revelou que atividades educativas, como palestras e oficinas, desempenham um papel essencial na conscientização dos alunos sobre a importância da prevenção das ISTs. A sensibilização dos estudantes em relação aos riscos da relação sexual desprotegida foi eficaz, com a maioria dos alunos demonstrando uma maior compreensão sobre o uso do preservativo. Contudo, apesar do aumento no conhecimento, ainda foi observada uma resistência dos alunos em buscar apoio dos professores ou discutir questões de sexualidade e saúde sexual de forma aberta. A pesquisa também apontou que a eficácia das intervenções poderia ser ampliada com maior participação de professores e profissionais de saúde. A conclusão do estudo reforça a necessidade de uma abordagem multidisciplinar, destacando a importância da colaboração contínua entre educação e saúde para criar um ambiente escolar mais seguro e informado, promovendo uma cultura de prevenção. A pesquisa enfatiza que a escola deve ser vista como um espaço integral de aprendizado, não apenas acadêmico, mas também voltado para o bem-estar físico e emocional dos adolescentes (VAZ et al., 2024).

A escola, como ambiente de aprendizagem contínua, desempenha um papel central na prevenção de ISTs. A pesquisa sugere que a educação sexual deve ser complementada com a criação de um ambiente seguro, onde os alunos possam se sentir confortáveis para discutir suas dúvidas e

questões sobre sexualidade. Além disso, o estudo ressalta a importância de um trabalho interdisciplinar, com a colaboração constante entre professores de diferentes áreas e profissionais de saúde, para garantir que a educação sobre ISTs seja abrangente e eficaz.

O estudo de BREVIGLIERI et al. (2024) sobre "Educação e estratégias em saúde sobre a prevenção contra o HIV junto aos adolescentes nas escolas" destacou a importância de integrar estratégias educativas de saúde no ambiente escolar para prevenir o HIV. As atividades interativas, como workshops e palestras com profissionais de saúde, mostraram-se eficazes na disseminação de informações e na promoção de comportamentos preventivos entre os adolescentes. A pesquisa evidenciou que o envolvimento direto de profissionais de saúde no processo educativo contribui para aumentar a credibilidade das informações, além de criar um ambiente onde os alunos se sintam à vontade para discutir questões relacionadas à sexualidade e à prevenção de ISTs. A pesquisa conclui que, para o sucesso das intervenções educativas, é essencial que a escola atue em colaboração com a comunidade de saúde, criando um espaço onde o conhecimento sobre HIV e outras ISTs seja transmitido de maneira clara, acessível e sem tabus.

Os resultados mostraram que workshops e palestras com profissionais de saúde foram eficazes para aumentar o conhecimento dos adolescentes sobre o HIV, além de reduzir o estigma relacionado à doença, promovendo uma compreensão mais aberta. No entanto, o estudo indicou que ainda existem barreiras para que os adolescentes adotem práticas preventivas, como o uso de preservativo.

A pesquisa sugere que, embora a educação sobre o HIV nas escolas seja eficaz em aumentar o conhecimento e reduzir o estigma, a mudança de comportamento ainda é um grande desafio. Para que as práticas preventivas sejam adotadas de maneira mais ampla, é necessário que as estratégias educacionais sejam personalizadas e adaptadas à realidade dos jovens. A colaboração contínua entre escolas, profissionais de saúde e a comunidade é crucial para transformar a educação sobre o HIV em um processo dinâmico e constante, que envolva os adolescentes de maneira significativa e os capacite a tomar decisões informadas sobre sua saúde sexual.

O estudo sobre "Educação em saúde na escola: experiência exitosa na prevenção das infecções sexualmente transmissíveis" revelou que a escola, como um espaço que agrupa um grande número de adolescentes, é o ambiente ideal para discutir temas como sexualidade e prevenção de ISTs. O estudo, realizado em uma escola pública no norte do Brasil, identificou que muitos alunos apresentavam uma falta de conhecimento sobre as ISTs, mas reconheceu a importância da escola como ponto central para a educação em saúde. A pesquisa apontou que, apesar dos tabus e da falta de preparo de alguns professores, o ensino sobre saúde sexual nas escolas pode ser um agente de transformação, ajudando os adolescentes a refletirem sobre seu direito a uma educação em saúde de qualidade. Este estudo sugere que, para superar a resistência dos educadores, é fundamental implementar estratégias

educativas mais interativas, como palestras e oficinas, que envolvam os alunos e os incentivem a participar de forma ativa no processo educativo (SILVA; LOPES; ALMEIDA, 2021).

MONTEIRO et al., (2019), sobre "Ações educativas sobre prevenção de HIV/AIDS entre adolescentes em escolas", a revisão da literatura mostrou que metodologias de ensino ativas, especialmente a educação por pares, foram eficazes na diminuição de comportamentos de risco, como o não uso de preservativos, e na redução do estigma relacionado ao HIV e às ISTs. Os resultados sugerem que a educação sexual realizada em escolas, com foco na troca de informações entre pares, facilita a adesão dos adolescentes às práticas preventivas e fortalece a compreensão da importância do uso de preservativos. A pesquisa destaca que a implementação de atividades educativas que envolvam os jovens de maneira prática e reflexiva contribui significativamente para a redução do risco de infecções, mostrando que a educação sexual nas escolas deve ser tratada com seriedade e inovação em sua abordagem (MONTEIRO et al., 2019).

A importância da educação sexual nas escolas como prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), enfatiza o papel essencial da orientação sexual na prevenção das ISTs. A pesquisa mostrou que as escolas são espaços estratégicos para a disseminação de informações sobre saúde sexual e a implementação de programas preventivos. A autora observa que a educação sexual deve ser contínua e feita de forma interativa, com a utilização de diversas abordagens pedagógicas. O estudo aponta que, embora muitos docentes reconheçam a importância de discutir sexualidade e prevenção em sala de aula, existem desafios, como o preconceito e a resistência ao tema, que dificultam a abordagem dessas questões de maneira eficaz. Assim, é destacado que o trabalho com a educação sexual deve ser mais do que uma obrigação curricular; deve ser uma estratégia de formação integral, respeitando a diversidade dos alunos e suas realidades (SANTOS, 2021).

Marques 2019, em sua dissertação sobre "As Infecções Sexualmente Transmissíveis e a Educação em Saúde na Escola: uma proposta pedagógica para o ensino de Ciências", aponta que muitos professores ainda não têm conhecimento atualizado sobre as ISTs e utilizam o livro didático como principal recurso para ensino, o que limita a efetividade da educação sexual. Ela observou que a educação sexual é abordada predominantemente sob a ótica biomédica, deixando de lado as perspectivas socioculturais e críticas que poderiam engajar mais os alunos. A pesquisa destacou que, apesar da importância da educação em saúde nas aulas de Ciências, os alunos ainda apresentam dificuldades em discutir abertamente temas relacionados à sexualidade e prevenção. A autora conclui que é necessário um esforço maior para capacitar os docentes, adotar metodologias mais dinâmicas e interativas, e integrar a educação sexual de forma transversal em diversas disciplinas, para que os alunos desenvolvam uma visão crítica sobre sua sexualidade e os riscos das ISTs (MARQUES, 2019).

A análise da literatura revelou que a educação em saúde nas escolas tem sido um instrumento essencial na promoção da saúde e na prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) entre

adolescentes. A maioria dos estudos revisados demonstrou que as ações educativas, quando bem planejadas e implementadas, têm impactos positivos no aumento do conhecimento dos estudantes sobre práticas sexuais seguras e métodos contraceptivos. Por exemplo, o estudo de Anselmo et al. (2024) observou que os jovens se mostraram mais informados e receptivos às estratégias educativas quando estas foram realizadas de forma interativa, utilizando recursos como rodas de conversa e materiais multimídia.

A identificação da participação dos profissionais de saúde, especialmente enfermeiros, nas escolas tem contribuído significativamente para a redução das barreiras culturais e de comunicação, proporcionando um espaço mais acolhedor para os jovens discutirem temas sobre sexualidade e ISTs. A presença de educadores capacitados e a integração de temas de saúde sexual no currículo escolar foram apontadas como fatores determinantes para o sucesso das intervenções. A pesquisa de Breviglieri et al. (2024) também apontou que as estratégias de prevenção precisam ser mais abrangentes e focar não só no ensino de métodos contraceptivos, mas também em comportamentos saudáveis e em como os jovens podem adotar essas práticas em suas vidas cotidianas.

4 CONCLUSÃO

O objetivo geral deste estudo foi analisar como a educação em saúde tem sido utilizada como estratégia de prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) nas escolas públicas, com base na literatura científica. A pesquisa conseguiu atender a esse objetivo ao identificar práticas educativas implementadas nas escolas e avaliar seu impacto no conhecimento e comportamento dos estudantes. A partir da análise de diferentes abordagens pedagógicas e estratégias de ensino, foi possível observar tanto as conquistas quanto as lacunas existentes nas práticas atuais de prevenção.

Os resultados revelaram que as atividades educativas, como palestras e oficinas, são eficazes para aumentar o conhecimento dos alunos sobre a prevenção das ISTs, mas ainda existem desafios em termos de mudança comportamental. Muitos estudantes continuam apresentando resistência em adotar práticas preventivas, como o uso de preservativos, mesmo após a conscientização. A resistência também foi observada entre alguns educadores, que demonstraram dificuldades em abordar temas relacionados à sexualidade e saúde de forma abrangente. Esses achados indicam que, embora as intervenções educativas aumentem o nível de conhecimento, a transformação de atitudes exige estratégias mais dinâmicas e personalizadas.

A contribuição do trabalho está na identificação de práticas pedagógicas eficazes, mas também nas lacunas que precisam ser abordadas para que a educação sexual nas escolas seja mais abrangente e eficaz. O estudo destaca a importância da colaboração entre professores, profissionais de saúde e a comunidade escolar para criar um ambiente mais seguro e propício para a discussão sobre saúde sexual.

Além disso, foi observado que a educação entre pares, quando bem implementada, pode ser uma ferramenta poderosa na redução do estigma e na promoção de comportamentos preventivos.

Apesar dos avanços alcançados nas intervenções de educação em saúde, a pesquisa sugere que as escolas devem adotar uma abordagem mais integrada e contínua. A educação sobre ISTs precisa ser abordada de maneira mais profunda, com metodologias interativas e adaptadas ao contexto dos estudantes. O estudo também aponta para a necessidade de capacitação contínua dos educadores, para que possam lidar com as questões relacionadas à sexualidade de forma mais sensível e inclusiva, garantindo que as informações sejam transmitidas de maneira clara e eficaz.

Este estudo abre portas para futuras pesquisas sobre a eficácia das estratégias educacionais de prevenção de ISTs em contextos escolares, com foco na adaptação das metodologias pedagógicas à realidade de diferentes regiões e populações. Sugere-se que novas investigações abordem as implicações em longo prazo dessas ações educativas, incluindo a avaliação de mudanças comportamentais e a redução de taxas de infecção entre jovens. Além disso, seria relevante explorar a implementação de programas mais inclusivos e focados na formação de professores e na criação de ambientes escolares mais acolhedores para discussões sobre saúde sexual.

AGRADECIMENTOS

A Deus, minha eterna gratidão. Foi Ele quem me sustentou nos momentos difíceis, quem me guiou quando tudo parecia incerto, e quem renovou minhas forças quando pensei em desistir. Cada conquista deste trabalho carrega a marca do seu amor incondicional.

A minha orientadora, Professora Valdiana Rolim, expresso a minha gratidão por sua paciência, dedicação e apoio durante toda essa trajetória. Sua orientação foi essencial para a realização deste trabalho.

Aos meus pais José Neuso e Maria Lúcia e à minha irmã Mirian, meus alicerces, meu porto seguro. Vocês sonharam comigo este sonho e me sustentaram com amor, fé e palavras de encorajamento quando o cansaço tentou me vencer. Sem o carinho, o apoio e a força de vocês, eu não teria conseguido chegar até aqui.

Também deixo meu sincero agradecimento às minhas amigas Izadora, Patrícia e Jociene, que caminharam comigo lado a lado durante toda essa jornada. Com vocês compartilhei risadas, medos e vitórias. Vocês foram ombros nos momentos difíceis e vozes de incentivo quando precisei. Obrigada por cada conselho, cada gesto de amizade e cada passo dado ao meu lado.

Este trabalho é o reflexo de muitas mãos que me apoiaram, muitos corações que sonharam comigo, e de uma fé que nunca me abandonou.

Muito obrigada, de todo o coração.

REFERÊNCIAS

ALVES, Marcelo Silva. Educação Sexual para Prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis em Escolares. 2022. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado da Bahia (Brazil).

CASTRO, Lucélia da Cunha et al. Prevalência e fatores associados à iniciação sexual em adolescentes escolares do Piauí, 2015. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 32, p. e2022612, 2023.

CAVALCANTI, Patricia Barreto; LUCENA, Carla Mousinho Ferreira; LUCENA, Pablo Leonid Carneiro. Programa Saúde na Escola: interpelações sobre ações de educação e saúde no Brasil. *Textos & Contextos* (Porto Alegre), v. 14, n. 2, p. 387-402, 2015.

COSTA, Gilberto Martins; FIGUEREDO, Rogério Carvalho de; RIBEIRO, Mirelly da Silva. A importância do enfermeiro junto ao PSE nas ações de educação em saúde em uma escola municipal de Gurupi-TO. *Revista Científica do ITPAC*, v. 6, n. 2, p. 1-12, 2013.

DE ALMEIDA VAZ, Fabline Fernandes et al. Educação em saúde na prevenção de infecção sexualmente transmissível (IST) em uma escola estadual em Porto Nacional-TO. *OBSERVATÓRIO DE LA ECONOMÍA LATINOAMERICANA*, v. 22, n. 1, p. 2084-2094, 2024.

DE MORAES GOMES, Claudia; DE CÁSSIA HORTA, Natália. Promoção de saúde do adolescente em âmbito escolar. *Revista de APS*, v. 13, n. 4, 2010.

DOS REIS, Marcos Renato Coutinho et al. Educação em saúde: atuação de estudantes do ensino médio na prevenção de IST. 2019.

FONSECA, Angélica. Prevenção às DST/AIDS no ambiente escolar. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 6, p. 71-88, 2002.

GREEN, Jackie et al. *Health promotion: planning and strategies*. 2. ed. London: SAGE Publications, 2009.

LOBATO, Werllison Mateus Silva et al. Educação em saúde em universidades como forma de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis na juventude. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 7, n. 2, p. e69030-e69030, 2024.

LOUREN BREVIGLIERI, Jéssica et al. Educação e estratégias em saúde sobre a prevenção contra o HIV junto aos adolescentes nas escolas. *Journal of Nursing UFPE/Revista de Enfermagem UFPE*, v. 18, n. 1, 2024.

MACEDO, Kleber de Oliveira. As infecções sexualmente transmissíveis-IST: uma proposta de sequência didática com abordagem investigativa para alunos do ensino médio. 2021.

MARQUES, Ana Paula Lima Cerqueira et al. AS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E A EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ESCOLA: uma proposta pedagógica para o ensino de Ciências. 2019.

MESQUITA, Gemilton de Freitas. Abordagem das infecções sexualmente transmissíveis no ambiente escolar: uma reflexão baseada no processo de ensino-aprendizagem. 2019. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

MIRANDA, Angélica Espinosa et al. Políticas públicas em infecções sexualmente transmissíveis no Brasil. *Epidemiologia e serviços de saúde*, v. 30, n. spe1, p. e2020611, 2021.

MONTEIRO, Raissa Silva de Melo et al. Ações educativas sobre prevenção de HIV/AIDS entre adolescentes em escolas. *Enfermería Actual de Costa Rica*, n. 37, p. 206-222, 2019.

NUTBEAM, Don. Health literacy as a public health goal: a challenge for contemporary health education and communication strategies into the 21st century. *Health promotion international*, v. 15, n. 3, p. 259-267, 2000.

PETRY, Stéfany et al. Ensino das infecções sexualmente transmissíveis incuráveis para estudantes de graduação em enfermagem: revisão de escopo. *Cogitare Enfermagem*, v. 28, p. e84550, 2023.

QUEIROZ, Paula Lucélia Oliveira et al. Percepção de alunos e professores do Ensino Médio sobre infecções sexualmente transmissíveis (IST's). 2014.

RAMOS, Felipe Bittencourt Pires et al. A educação em saúde como ferramenta estratégica no desenvolvimento de ações de prevenção da transmissão do HIV: um relato de experiência. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, n. 19, p. e509-e509, 2019.

SANTOS, Leidiany Freitas dos. Estudo sobre a importância da educação sexual escolas como prevenção das infecções sexualmente transmissíveis (IST's). 2021.

SILVA, Danilo Lima et al. Estratégias de prevenção a IST realizadas por enfermeiros na atenção primária a saúde: uma revisão integrativa. *Brazilian Journal of Health Review*. V.4 e n. 2. p. 4028-4044, 2021.

SOUZA, Ranieri Flávio Viana de. Infecções sexualmente transmissíveis: percepção de adolescentes e jovens em uma instituição de ensino público de referência no estado do Piauí. 2020.

SOUZA, Lucas Santos. Conhecimentos e práticas de adolescentes acerca das Infecções Sexuais Transmissíveis (ISTs) nas escolas públicas do município de Aracaju/SE. 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION et al. More than 1 million new curable sexually transmitted infections every day. World Health Organization: Geneva, Switzerland, 2019.